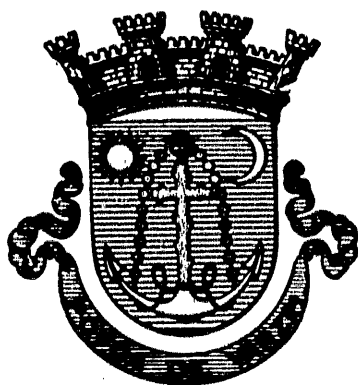


PÓVOA DE VARZIM

BOLETIM CULTURAL



NÚMERO COMEMORATIVO DO I CENTENÁRIO
DO NASCIMENTO DE ROCHA PEIXOTO

EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL

Há muito que estudar e poucos
são os que trabalham; mas
embora fossem muitos, Portugal
chega para todos.

ROCHA PEIXOTO

(1866 — 1909)

Martins Sarmento e os Homens da «Portugália»

À memória de Rocha Peixoto

por MÁRIO CARDOZO

Em Julho de 1887, «numas cálidas e apreensivas vésperas de actos» (1), cinco jovens, quase todos estudantes da antiga Academia Politécnica do Porto, e todos com marcadas tendências literárias, o mais novo com 18 anos apenas e o mais velho com 24, ousados e entusiastas como em geral toda a gente moça, ainda isenta dos preconceitos de ordem social que subordinam os homens às mesquinhas comodidades e conveniências da vida material e à adaptação à rotina respeitadora das ideias feitas—reunidos na casa de um deles, ao Moinho de Vento, da «cidade invicta», lançavam os fundamentos de uma associação de características científicas, a que deram o nome de «Sociedade Carlos Ribeiro», em homenagem ao grande cientista falecido poucos anos antes, em 1882.

O notável geólogo e pré-historiador que aquele grupo de jovens estudiosos elegera para seu patrono espiritual era então uma figura destacada, principalmente pelos seus estudos sobre a possibilidade da existência do homem no período terciário, em face de certas peças lascadas, de sílex e de quartzite, com vestígios de suposto trabalho humano, encontradas por ele, em 1871, nos terrenos da freguesia da Ota, situados no Mioceno superior do vale do Tejo. Esta importante descoberta, que tamanha atenção havia despertado aos participantes nos Congressos Internacionais de Antropologia e Arqueologia Pré-históricas realizados, em 1872, em Bruxelas, e, em 1880, em Portugal, teve uma grande repercussão nos meios cultos europeus, a ponto de o sábio francês Gabriel de

(1) Vide *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, Porto 1898, Vol. V, p. 179 (Artigo de Rocha Peixoto sobre «A Sociedade Carlos Ribeiro. Nótula histórica»).

Mortillet baptizar com o nome de *Homosimius Ribeiroi* o presumível hominídeo terciário considerado por Carlos Ribeiro o remoto inventor daqueles rudes eólitos (2).

Os fundadores da «Sociedade Carlos Ribeiro», em parte influenciados certamente pelo sucesso que a realização no nosso país do referido Congresso de 1881 alcançara, propunham-se levar a cabo um vasto programa de divulgação científica, interessando os estudiosos portugueses nos complicados problemas da geologia, da paleontologia, zoologia e botânica, da antropologia, arqueologia e etnologia. Para a expansão que a Sociedade pretendia insuflar aos vastos sectores das suas projectadas actividades, além de uma série de conferências públicas, organização de exposições, museus, etc., carecia de uma publicação periódica que constituísse o seu órgão de documentação cultural. Só volvidos dois anos, em 1889,

(2) Carlos Ribeiro, *Descripção de alguns sílex e quartzites lascados encontrados nas camadas dos terrenos terciário o quaternário das bacias do Tejo e do Sado*, Memória apresentada à Academia Real das Ciências, Lisboa 1871; «Sur des sílex taillés découverts dans les terrains miocène et pliocène du Portugal», *Compte-Rendu* do Congresso Internacional de Antrop. e Arqueol. Pré-históricas, Bruxelas 1872; «L'Homme tertiaire en Portugal», *Compte-Rendu* do Congr. Intern. A. A. P., Lisboa 1880.

Em homenagem a este cientista português, também o falecido engenheiro e geólogo insigne Alfredo Bensaude classificou com o nome de *ribeirite* uma variedade de calaite, substância mineral branco-esverdeada de que eram feitas certas contas de colar encontradas em Portugal pela primeira vez no espólio de um dolmen explorado por Carlos Ribeiro em Monteabrão.

Quanto à debatida questão do homem do período terciário, o grande pré-historiador Abade Henri Breuil mostrava-se céptico, como muitos outros «eolitóforos», não aceitando a teoria que defende a existência da espécie humana em tão recuadas épocas. Nas lições que este sábio pronunciou em 1942 na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e que mais tarde foram publicadas em colaboração com Raymond Lantier na sua obra *Les hommes de la pierre ancienne* (ed. Payot, Paris 1959), diz: «Il est inutile d'insister plus longuement sur les trouvailles qu'une connaissance, aujord'hui plus approfondie, des causes naturelles de fractures, permet de rejeter; même si elles laissent encore ouverte la question de savoir si l'Homme a vécu à la fin des temps tertiaires, elles déblaient le terrain de ces efforts manqués pour y établir sa présence».

É estranho, contudo, que este famoso investigador, ao qual se ficaram devendo importantes trabalhos realizados em Portugal sobre a nossa Pré-história, ao citar, nas referidas lições pronunciadas no nosso país, diversos estudiosos entre muitos dos «eolitófilos» como Bourgeois, Desnoyers, Rames, Rutot, Harrison, Reid Moir, Laussedat, etc. que, em presença do testemunho desses instrumentos líticos em vários países, defenderam a existência do homem no período terciário, omitisse ou esquecesse Carlos Ribeiro, cientista cujo nome ele não podia ignorar. Outro tanto não fez, por exemplo, Hugo Obermaier, também pré-historiador notabilíssimo que, rejeitando igualmente a teoria do homem terciário, na sua obra sobre «El hombre fósil» cita o geólogo português e os seus importantes trabalhos, na larga exposição que nesse livro clássico desenvolve sobre este assunto. Diversos estudiosos portugueses trataram este problema absorvente, como Nery Delgado, José Fortes e Mendes Correia.

lhes foi possível lançar o 1.º fascículo da revista trimestral da Sociedade, a que deram o título de «Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes» (3).

Os cinco sócios fundadores da nova colectividade, fraternamente unidos pelos laços espirituais que os bancos escolares têm o poder de criar e consolidar, mas que, findas as formaturas, quase logo se desagregam e cada qual se despede e aparta, dispersando-se pelos caminhos divergentes deste mundo, eram—Artur Augusto da Fonseca Cardoso, que seguiu a carreira das armas e foi um antropologista muito notável, especialmente no campo da antropologia das nossas terras africanas; Alfredo Xavier Pinheiro, que morreu muito novo, com 26 anos apenas, mas chegou a ser um artista pintor de reconhecido talento, jornalista e etnógrafo de assinalados méritos; João Barreira, que se doutorou em Medicina, foi distinto crítico de Arte e ascendeu mais tarde à cátedra de professor de Estética e História de Arte na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; Ricardo Severo, formou-se em engenharia, era o mais novo do grupo, então com 18 anos apenas, emigrou em 1908 para o Brasil, onde criou uma situação de destaque, e por lá se deixou ficar, falecendo em São Paulo em 1940 (4); finalmente, António Augusto da Rocha Peixoto, homem da beira-mar, pòveiro, espírito brilhante de múltiplas facetas, escritor, jornalista, etnógrafo e arqueólogo, foi naturalista do Gabinete de Geologia da Academia Politécnica, director da Biblioteca Pública e do Museu Municipal do Porto, onde prestou relevantes serviços. Desempenhava na «Sociedade Carlos Ribeiro» o cargo de secretário geral. À memória deste último consagro estas breves e singelas nótulas que redigi, com motivo no centenário do seu nascimento, que a sua terra natal comemora no corrente ano. De outro companheiro do grupo, João Barreira, natural de Chaves, se completam também agora os 100 anos, após o seu nascimento (5).

Na direcção do Cenáculo ingressaram como figuras represen-

(3) O 1.º volume desta Revista traz na portada a data de 1890.

(4) Ricardo Severo, durante a sua longa permanência no Brasil onde, pelos seus méritos, granjeou em breve um lugar de prestígio, só por duas vezes voltou a Portugal. Uma delas foi em Dezembro de 1935, tendo-lhe sido nessa ocasião prestada uma carinhosa homenagem pela Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, à qual presidia o saudoso Professor Mendes Correia. Também a Sociedade Martins Sarmiento se fez representar nessa homenagem pelo seu presidente, que estas linhas escreve e que, na ocasião, dirigiu algumas palavras de saudação ao ilustre cientista, evocando as suas relações intelectuais com Martins Sarmiento (vide *Revista de Guimarães*, 1935, Vol. XLV, pp. 168-170).

(5) O centenário do nascimento de Xavier Pinheiro passou despercebido em 1963. Iguamente o de Fonseca Cardoso em 1965. O de Ricardo Severo terá lugar daqui a três anos; oxalá que Lisboa, sua terra natal, o não esqueça.



Rocha Peixoto e Ricardo Severo

(Fotografia que pertenceu a Rocha Peixoto)

tativas de relevo, dois homens de Letras conhecidos, e que já então brilhavam pelo seu talento — Júlio de Matos, médico psiquiatra notável, a quem foi dado na Sociedade o cargo de presidente, e Basílio Teles, escritor e economista, que assumiu a vice-presidência. Todavia, pode dizer-se que, de todos os componentes da direcção da «Sociedade Carlos Ribeiro», os dois grandes obreiros foram sempre Ricardo Severo e Rocha Peixoto. Quando, mais tarde, decorridos dez anos de vida, a Sociedade se dissolveu, a sua actividade estava reduzida ao esforço e à tenacidade inquebrantável destes dois homens! Eles assumiram também a direcção da Revista, aos quais se juntou, a partir do 3.º volume, Venceslau de Lima, portuense ilustre que, no decurso da sua vida, desempenhou importantes cargos políticos, foi professor de Mineralogia na Academia Politécnica e realizou estudos muito notáveis de paleontologia vegetal.

Toda esta gente moça pertencia à geração em cujo seio ardia tumultuosamente a chama das ideias de renascimento espiritual e de renovação social, política e moral, de uma nação em acentuada decadência, impulso revolucionário que já vinha ateadado da década anterior, e criara o ambiente que faria eclodir, dentro em pouco, na capital nortenha, liberal por tradição, o movimento de 31 de Janeiro de 1891, que visava a depor um regimen desacreditado, mas cujo fracasso atrasou de vinte anos o advento das novas fórmulas políticas de governação, que só em 1910 conseguiram vingar.

A «Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes» durou desde 1889 até a extinção da «Sociedade Carlos Ribeiro» em 1898. Foram anos de esforço, de combate, de persistência e de fé, num ambiente ora hostil, ora de incompreensão e de indiferença. As suas páginas encontram-se repletas de estudos sérios, mas que poucos liam, que é a má sina de todas as publicações de Cultura, num país de baixo nível intelectual e científico. Colaboraram com importantes trabalhos nas páginas desta notável revista nomes eminentes, como os de Teófilo Braga, Adolfo Coelho, Alberto Sampaio, Figueiredo da Guerra, Leite de Vasconcelos (1), Martins

(1) José Leite de Vasconcelos então ainda novo, pois à data da fundação da Revista andava à volta dos 30 anos, colaborou nela com um único artigo que veio a lume no 2.º volume (pp. 19 e 49), sobre filologia, intitulado «Notas sobre a linguagem vulgar do Porto». Foram pouco amistosas as relações de Leite de Vasconcelos com o grupo fundador da «Sociedade Carlos Ribeiro». Uma crítica bibliográfica um pouco fria que Rocha Peixoto fez mais tarde na *Portugália* (vol. II, pp. 135-136) aos dois volumes de Leite de Vasconcelos de *Ensaio Ethnográfico* (Lisboa, 1891 e 1903), provocou uma recensão crítica impiedosa e áspera contra os homens da *Portugália*, que L. de Vasconcelos por sua vez publicou n' *O Archeologo Português* (Lisboa 1906, vol. XI, pp. 321-381). A essa crítica respondeu Rocha Peixoto, num suplemento ao Fasc. 3.º do Vol. II da *Portugália* (pp. 492-B e ss.), num tom ainda mais áspero e contundente do que o do seu antagonista.

Sarmento, Santos Rocha, Alfredo Bensaude, Paul Choffat e Gonçalo Sampaio, para citar alguns dos mais prestigiosos, além dos fundadores da publicação, que ali inseriram também assídua colaboração.

Martins Sarmento manifestou, logo no início da formação da «Sociedade Carlos Ribeiro», uma grande simpatia e admiração por esse grupo de jovens estudiosos, e prestou-lhes, com sincero aplauso e incitamento, todo o apoio moral que a experiência e sabedoria próprias lhe permitiam dar (7).

Colaborou Sarmento na Revista com cinco artigos, que saíram respectivamente no vol. 1.º (1890), no 3.º (1895), e no 4.º (1896). No 1.º volume deu, a pp. 61 ss., um estudo de etnologia intitulado «Os Atlantes de Diodoro Siculo»; a pp. 62 e 186 do 3.º volume, o artigo «Materiaes para a Archeologia da Comarca de Barcellos», produto de algumas das suas pesquisas, reconhecimentos e prospecções na área daquela região; finalmente, no 4.º volume, inseriu três trabalhos — «Materiaes para a Archeologia do distrito de Vianna» (a pp. 23, 35 e 146), «A proposito das estatuas callaicas» e «A estatua do Páteo da Morte» (pp. 189 e 191). Acabou ainda um outro artigo, em Março de 1898, que era destinado ao 5.º e último volume da Revista, mas que só veio a ser publicado mais tarde, no fascículo 1.º do volume I da «Portugália», quando, já extinta a «Sociedade Carlos Ribeiro» e a sua Revista, aquela nova e monumental publicação continuou a actividade da anterior, sob a direcção principal dos mesmos dois homens, Ricardo Severo e Rocha Peixoto, e de Fonseca Cardoso. Foi precisamente com esse artigo de Martins Sarmento, intitulado «A Arte mycénica no Noroeste de Hispanha», que abriu a primeira página da nova revista, em 1899, e que supomos já talvez o sábio vimaranense não tenha chegado a ver impresso, pois em Agosto desse mesmo ano falecia.

Ricardo Severo e Rocha Peixoto nutriam por Martins Sarmento uma grande admiração, pelo seu talento, inteligência arguta e saber, e dedicavam-lhe uma sincera e respeitosa estima. As numerosas cartas que durante anos trocaram com ele, algumas das quais

(7) Até mesmo, do ponto de vista material, o sábio vimaranense acorreu certo dia em auxilio desta agremiação de nobres aspirações. Rocha Peixoto, quando no último fascículo da Revista (Vol. V, p. 188) faz a história retrospectiva da Sociedade e alude às dificuldades de ordem financeira por que ela passou e que ameaçavam provocar a sua extinção, refere-se ao seguinte facto: «Como em dia de desespero se lhe notificasse (por certo a Martins Sarmento, embora lhe não mencione o nome) o fecho da obra por carência irremediável de meios, quem hoje dirige um museu de província, por si organizado, enriquecido e gratuitamente mantido, convidava-nos a prosseguir: deixaria de fumar uns charutos, escrevera o amigo dilecto, mas a Sociedade não se extinguiria!»

pudemos arquivar na «Revista de Guimarães»⁽⁸⁾, confirmam exuberantemente aqueles sentimentos dos dois jovens estudiosos para com o erudito etnólogo e pré-historiador vimaranense; eles, como dissemos, à roda dos vinte anos, cheios de nobres aspirações e animados de um indomável espírito combativo; Sarmiento, que já tinha ultrapassado o meio século de existência, encanecido, gasto, desiludido e fisicamente depauperado pela doença inexorável que o ia minando e o levou deste «vale de misérias», como ele dizia, aos 66 anos de idade.

À amizade, admiração e entusiasmos desses moços correspondia Sarmiento com o seu melhor acolhimento e afabilidade, qualidades tão características do seu bondoso e nobre temperamento e da sua fina educação. Na altura da fundação da «Sociedade Carlos Ribeiro» já Martins Sarmiento tinha alcançado um renome internacional, com as suas famosas explorações em Briteiros e Sabroso, que tanto interesse e curiosidade provocaram em 1880, principalmente depois que a célebre Citânia foi visitada pelos participantes, nacionais e estrangeiros, da IX Sessão do Congresso Internacional de antropologia e Arqueologia Pré-históricas, nesse ano reunido em Lisboa, como dissemos, e ao qual o sábio investigador vimaranense levou a sua notável comunicação sobre a origem dos *Lusitanos*⁽⁹⁾. A ilustrar aquele sucesso que no estrangeiro, mais do que em Portugal, alcançaram as explorações arqueológicas da Citânia, podemos citar o facto de o Governo francês condecorar então Martins Sarmiento com a Legião de Honra.

Em 1887, ano da fundação da «Sociedade Carlos Ribeiro», publicou Sarmiento a sua obra de maior vulto, *Os Argonautas*⁽¹⁰⁾, audaciosa interpretação pessoal da famosa lenda grega, em que vinha trabalhando desde 1880, que dedicou à «Sociedade Martins Sarmiento», já fundada desde 1882, em homenagem ao seu nome ilustre. Toda esta aura criada à volta do nome de Sarmiento levou naturalmente os fundadores da «Sociedade Carlos Ribeiro» a diri-

(8) Vide *Revista de Guimarães*, «Correspondência entre Martins Sarmiento e Rocha Peixoto», Vol. LII (1942) e Vol. LIII (1943); «Cartas de Ricardo Severo para Martins Sarmiento», com anotações de Mário Cardozo, Vol. LXX, 1960. Veja-se também na mesma *Revista* (Vol. XLV, 1945) o nosso artigo intitulado «Os fundadores da Sociedade Carlos Ribeiro e Martins Sarmiento».

(9) Vide *Compte-Rendu* do Congresso Intern. de Antrop. e Arq. Pré-históricas cit., Lisboa 1880, F. Martins Sarmiento, *Les Lusitaniens*; e em língua portuguesa, em edição do autor impressa na Tip. Silva Teixeira, do Porto (1880). O mesmo trabalho foi reeditado no Vol. *Dispersos*, publicado pela Sociedade Martins Sarmiento em 1933, na comemoração do centenário do nascimento do investigador vimaranense, em edição da Imprensa da Universidade de Coimbra.

(10) F. Martins Sarmiento, *Os Argonautas. Subsídios para a antiga história do Occidente*. Porto 1887, Tip. Silva Teixeira, XXXII + 292 pp. e 2 mapas.

girem-se-lhe solicitando o seu apoio, conselho e colaboração na *Revista* cujo primeiro Número acabava de aparecer.

Foi mensageiro desse pedido Rocha Peixoto, que, em princípios de Maio de 89, escrevia então a Sarmiento⁽¹¹⁾, dizendo-lhe que era propósito da redacção da *Revista* publicar, no fascículo que devia sair no mês de Novembro a bio-bibliografia de Carlos Ribeiro, orago da Sociedade. E pedia esse trabalho a Martins Sarmiento, em termos que bem mostram a alta consideração em que tinha o erudito cientista:

«... É urgente que a Sociedade Carlos Ribeiro torne pública, bem alto e bem forte, a superioridade dessa eminente fisionomia científica; é necessário pagar esse tributo à memória do mestre; é forçoso que a Sociedade registre a importância do seu trabalho e do seu esforço. E nós, pobres plumitivos, onde temos o valor e a autoridade para levar tal intento a efeito? Julga fundamentamente a Sociedade que, para traçar a biografia deste vulto extraordinário, precisa é a autoridade de um consagrado. E não poderia sem dúvida encontrar quem mais distintamente se associasse aos seus intuitos do que V. Ex.^ª»⁽¹²⁾.

Martins Sarmiento, porém, apesar de vir a dar à *Revista* colaboração bastante grande, como atrás citamos, não se conformou em ceder ao trabalho que Rocha Peixoto com tanto empenho lhe pedia, e apresentou suas razões:

«... Da melhor vontade aceitaria o honrosíssimo encargo de fazer a biografia de Carlos Ribeiro, se tivesse consciência de o poder desempenhar. Mas a minha consciência o que me diz é que nem pense nisso um minuto. A obra de C. Ribeiro foi toda no campo geológico; mesmo os trabalhos pré-históricos sobre o homem terciário, a sua maior glória, contendem com o geologia. Ora eu q. não sei uma palavra de geologia; que não assisti às discussões do Congresso de Lisboa, nem vi o vale do Tejo, onde se levantou o corpo de delito, etc., que poderia dizer acerca do grande geólogo, das suas opiniões e dos seus contraditores?

(11) *Rev. de Guimarães*, Vol. LIII, pp. 10-11.

(12) Esta biografia, que Martins Sarmiento se recusou a escrever, só veio a ser publicada no Vol. V da «*Revista de Ciências Nat. e Soc.*» (pp. 153 a 177), redigida por Ricardo Severo.

Não avaliámos quanto esta pessoa na satisfação do nosso
 pedido; pelo que escrevi a V. Ex.^{ta} que considere: é urgente que a
 Sociedade Carlos Ribeiro tome publico, bem alto e bem forte, a importância
 de d'essa eminente physiognomia scientifica; e necessarios sejam estes
 tributos á memoria do mestre; é forçoso, que a Sociedade registre
 a importancia do seu trabalho e do seu esforço. E eis, pobres
 phrasticos, onde temos o valor e a auctoridade para levar tal intento
 a effecto? Julga provavelmente a Sociedade que para traçar a
 biographia d'este vulto extraordinario, precisa é a auctoridade d'um
 consagrado. E não poderia uma sociedade encontrar quem mais
 distinctamente se associe aos seus intuitos, ^{do} que a V. Ex.^{ta}.

Eis signos como V. Ex.^{ta} receberia o nome emérito; esta
 crente, porém, que a V. Ex.^{ta} por ventura estivesse em commoção, adheriria
 de bom grado. Se é certo que um trabalho d'esta ordem pôde
 por diversas circumstancias, importunas e impedir outros estudos, não
 é verdade que ~~este~~ a satisfação d'esta divida é, pelo seus fins,
 fundamentalmente approvavel? Demais, até outubro, não havia tempo
 para a realisacão do proposito?

Não esperamos que a dedicacão é extrema generosidade
 de V. Ex.^{ta}, o leve a collaborar na nossa obra; se assim não
 fôr, não sei, supito, como fazer uma homenagem.

Trecho da carta que Rocha Peixoto escreveu a
 Martins Sarmento em começos de Maio de 1889.

E, mais adiante, acrescentava na mesma carta:

«... Outra condição para um biógrafo é ter conhecido muito
 de perto o biografado, os actos principais da sua vida, o
 seu modo de pensar e de sentir. Eu conheci Carlos Ribeiro
 quase no fim dos seus dias e não convivi com ele senão 3
 ou 4 dias, em que o tive hospedado em Briteiros» (13).

Correram anos de canseroso labor. A «Sociedade Carlos Ri-
 beiro» aproximava-se do seu fim, e o mesmo destino estava natu-
 ralmente talhado ao seu órgão cultural, a «Revista de Sciencias
 Naturaes e Sociaes», que, de facto, publicava o seu 20.º e último
 fascículo em 1898. Desgraçadamente, também do fim da vida se
 aproximava Martins Sarmento, que em 9 de Agosto do ano ime-
 diato viria a encontrar a morte.

Contudo, por aquela altura, já os pioneiros da «Sociedade
 Carlos Ribeiro» trabalhavam corajosamente na criação de uma
 nova e mais ampla revista, de mais audaciosos voos do pensamento,
 que em breve viria a ser a sumptuosa *Portugália*, um monumento
 de estudos, um marco literário e científico imperecível, erguido
 por dois homens sem desânimo, Ricardo Severo e Rocha Peixoto,
 que, sábia e concisamente ali deixaram reveladas aos vindouros as
 energias latentes e as qualidades intrínsecas de um povo que a si
 próprio se desconhecia. Nessas magnificas páginas da *Portugália*
 vão ainda hoje, e sempre, os estudiosos haurir lições utilíssimas e
 ensinamentos preciosos. Volvidos até hoje mais de 60 anos, não
 voltou a surgir em Portugal uma publicação de cultura científica e
 tradicionalista que ultrapassasse, ou sequer pudesse comparar-se
 àquela que Severo e Peixoto criaram, e à qual deram concurso,
 além dos que já eram colaboradores da «Revista de Sciencias Na-
 turaes e Sociaes», outros nomes ilustres na ciência e na arte, como
 os de José Fortes, Vieira Natividade, Sousa Viterbo, Henrique
 Botelho, Luís de Magalhães, Manuel Monteiro, Padre José Bre-
 nha, Abades de Tagilde e Sousa Maia, Joaquim de Vasconcelos.

Ricardo Severo tomou então a seu cargo a direcção da nova
 e esplêndida revista, tendo como redactor principal o seu insepa-
 rável companheiro de trabalho Rocha Peixoto, e como secretário
 geral Fonseca Cardoso (14).

(13) Carta de 19 de Maio de 1889 de Martins Sarmento para Rocha Peixoto,
 Rev. de Guimarães, 1942, pp. 6-7 do vol. LII.

(14) O 1.º tomo da *Portugália*, abrangendo 4 fascículos foi publicado desde
 1899 a 1903. O 2.º tomo tem a data de 1903 a 1908, contendo outros 4 fascículos.
 Neste último tomo aparece também como secretário José Fortes, estudioso que deu
 a esta importante Revista colaboração excelente.

Ao erguerem os alicerces da *Portugália*, sentiram os seus dois fundadores que se lhes impunha cada vez mais apoiarem-se no prestígio do nome glorioso de Martins Sarmiento, e que não deviam prescindir da sua colaboração e conselho, nesta segunda empresa de tamanha responsabilidade a que se arrojavam.

Como, dos dois, foi sempre Rocha Peixoto quem, desde a fundação da Revista da «Sociedade Carlos Ribeiro», tinha estado em mais estreito contacto intelectual com Martins Sarmiento, dirigiu-se-lhe então, em carta de 27 de Maio de 1897⁽¹⁵⁾, pedindo para serem atendidos, ele e o seu companheiro Ricardo Severo, d'aí por tres dias, um domingo, pois tinham aprazado uma visita a Guimarães, de propósito para lhe falarem. Sarmiento estava então na sua Quinta da Ponte, em Briteiros. Dizia assim a carta de Rocha Peixoto:

«... Ha meses que estamos para ir a Guimarães, eu e Ricardo, visitar V. Ex.^a e a fim de conversarmos sobre o grande projecto de trabalhos a que aludi quando tive a honra e o deleite de estar na Quinta de V. Ex.^a (16). Uma série de doenças e outras contrariedades impediram o Ricardo de ir. E, como ele tivesse muito empenho em falar com V. Ex.^a e ve-lo, eu fui adiando a ida, a fim de seguirmos juntos. Agora que está na sua quinta de Casal de Pedro (17), acaba de me confirmar um compromisso aqui tomado de irmos no domingo, 30. Esperamos pois da bondade de V. Ex.^a que nos aturará uns momentos, a fim de nos ouvir sobre os nossos projectos e dispensar-nos o seu conselho».

Por cartas ulteriores de Rocha Peixoto para Sarmiento, vê-se que esta visita ficou protelada nessa ocasião, devido ao mau tempo chuvoso que então fazia. Contudo insistia nessas cartas:

«... Provavelmente desconfia V. Ex.^a do motivo que nos leva juntos: é a grande Revista e, mais ainda, os trabalhos a realizar: arqueologias, Citânia de Briteiros, museu da Sociedade, etc. Mas peço a V. Ex.^a que não nos desanime sem nos ouvir».

(15) *Revista de Guimarães*, Vol. LIII cit., p. 11.

(16) Vê-se, por este passo da carta de Rocha Peixoto, que já anteriormente tinha estado em Briteiros, na casa solarenga onde Sarmiento costumava passar alguns meses do ano.

(17) No concelho de Vila do Conde.

E, ainda numa outra carta:

«... Nós vamos numa grande missão e o nosso desejo inicial e fundamental é que V. Ex.^a tenha muita saúde e alguma caridade para nos aturar uns momentos» (18).

A visita teve lugar, finalmente, na 2.^a quinzena de Junho. Sarmiento recebeu-os com a sua costumada afabilidade de trato, e proporcionou-lhes inclusivamente o curioso espectáculo da uma *festada* à moda minhota, realizada no terreiro fronteiro à sua casa solarenga de Briteiros (19), tendo nessa ocasião Ricardo Severo feito alguns clichés fotográficos de vários aspectos da pequena festa aldeã, interessado, como era natural que tivesse ficado, na observação das características etnográficas locais. E aproveitou a oportunidade que se lhe oferecia para retratar também o próprio Sarmiento. A propósito desta visita e das fotografias tiradas em Briteiros, diz Severo a Sarmiento, numa carta datada de 12 do mês de Julho seguinte (20):

«... Quiz enviar-lhe logo as provas dos clichés que aí fiz, em Briteiros, mas outras preocupações vieram e o tempo passou. O cliché feito dentro de casa não é bom, pela deficiência da luz; será, quando muito, uma recordação de mínimo valor (21). Estampeei com alguma felicidade os do descante».

Mas, o que pediram, afinal, a Martins Sarmiento, naquele dia de Junho de 97, os dois fundadores da *Portugália*?

Eles o deixaram exarado nas palavras de saudade e de grande veneração pelo mestre insigne, com que ambos colaboraram no Volume Especial da «Revista de Guimarães», que em 1900 foi publicado à memória do pré-historiador vimaranense (22). São de

(18) *Revista de Guimarães*, Vol. LIII cit., pp. 12 e 13.

(19) Quando Martins Sarmiento se encontrava em Briteiros, eram frequentes as festas domingueiras aldeãs no terreiro da sua casa, organizadas pelos rapazes e moças da freguesia, que ali se reuniam autorizados por Sarmiento, curioso de observar e surpreender, nos seus aspectos locais mais interessantes, o folclore deste povo alegre do Minho, a mais colorida e alegre das províncias portuguesas, com suas danças e cantigas ao desafio, ao som da viola e do harmónio.

(20) *Rev. de Guimarães*, Vol. LXX cit., p. 15.

(21) Referia-se Ricardo Severo ao retrato que fizera de Martins Sarmiento. Nesse retrato, o último de Sarmiento, vê-se bem, pela face enrugada e envelhecida do arqueólogo, os estragos que a doença, parece que uma cirrose, lhe ia provocando e o levaria à morte, passados dois anos.

(22) *Revista de Guimarães*. Número Especial, consagrado à memória de Francisco Martins Sarmiento, Porto MCM, Tip. Silva Teixeira. Vide colaboração



A festa que em 17 de Junho de 1897 se exhibiu no pátio da casa de Martins Sarmento, em Briteiros, quando Rocha Peixoto e Ricardo Severo ali foram visitar o arqueólogo vimaranense

(Cliché de Ricardo Severo)

Rocha Peixoto as seguintes linhas ali reproduzidas, nas quais alude à finalidade que os levava a Briteiros ao prepararem os alicerces da grande publicação em que iriam consumir os seus melhores e mais porfiados esforços:

«Queriam-se isto: as memórias completas sobre o Coto de Sabroso e a Citânia de Briteiros. Houve uma certa estupefacção ante a audácia. Esclarecido desenvolvidamente o projecto, detalhado o intuito, afirmado o impulso acendrado e patriótico, para logo se subjugou este homem eminente. Havia anos que arrumara o propósito, agora subitamente renovado e em seguida já discutido num fervoroso entusiasmo pela viabilidade emergente. De modo que, ao apresentar-lhe mais tarde Ricardo Severo, a conquista alcançara-a de ha muito, e apenas a elaboração definitiva cumpria organizar em acordo. O entusiasmo dos tres, nesse último dia de Briteiros, irmanava-os a todos em anos ⁽²⁵⁾. Até parecia talvez o mais moço, essa nobilíssima imagem de sábio, nas vésperas pouco remotas da morte!».

E, no mesmo Volume de homenagem ao erudito investigador, inseria Ricardo Severo, por sua vez, estas palavras:

«*Quem me dera a vossa mocidade*, dizia-nos ha um ano o sábio amigo. Tinha ele mais do que a nossa mocidade; e era com dobrada idade, dobrado entusiasmo, fé inabalável na ciência e no trabalho, que nos animava a prosseguir a dura tarefa, crentes na sua douta experiência de apóstolo».

Mas a doença minava impiedosa e profundamente Martins Sarmento, que, por desgraça, já não chegaria a poder escrever a obra exaustiva que insistentemente lhe pediam aqueles dois moços sobre a Citânia de Briteiros e o Castro de Sabroso, estudo que seria notável e que só ele, o paciente escavador daquelas ruínas, tão evocadoras do nosso remoto passado, que durante nove anos consecutivos (1875-1884) revolvera e sondara, em procura de elementos que lhe desvendassem as trevas da nossa mais antiga histó-

de Ricardo Severo neste Volume, a pp. 101-102, reproduzindo o discurso por ele pronunciado no cemitério de Guimarães em 12 de Agosto de 1899, por ocasião do funeral de Sarmento; e o artigo de Rocha Peixoto, intitulado «A sua acção educativa», pp. 32-34.

⁽²⁵⁾ Tinha então Ricardo Severo 28 anos, Rocha Peixoto 31, e Martins Sarmento 64.



Martins Sarmiento em 1897

(Fotografia feita em Briteiros por Ricardo Severo)

ria e das nossas origens etnológicas, só ele, realmente, estaria à altura de realizar ⁽²⁴⁾.

Vinha de longe a falta de saúde de Sarmiento, mas progredia então rapidamente. Em cartas de 4 e 10 de Janeiro de 1898, dizia a Rocha Peixoto, preocupado principalmente por os seus males o impedirem de começar o trabalho que se comprometera dar à *Portugália*:

«... Nas nossas combinações esqueceu-se este diabo da moléstia que me persegue por toda a parte e em todas as estações e me não deixa nunca seguro o dia de amanhã. Não ha remédio senão não contarem comigo»
 «A mim, o que soberanamente me aborrece é que esteja a servir de trambolho ao entusiasmo dos dois»
 «Quando assim me vejo e olho para Sabroso, considero-me uma verdadeira alma penada do que era vai para oito anos. Desabei tão rapidamente que ainda me custa a crer que tal sucedesse ⁽²⁵⁾».

No dia 9 de Agosto do ano imediato, no seu leito de morte, em Guimarães extinguiu-se serenamente «sem palavras de lamentação ou de amargura, com a impassibilidade estoica dos fortes», como disse Alberto Sampaio no necrológio que escreveu daquele homem bom e sábio, que os dois eminentes fundadores da *Portugália* tanto amaram ⁽²⁶⁾.

*

Ha 21 anos, efectuando-se a translação dos restos mortais de Rocha Peixoto para um mausoleu próprio erigido no cemitério da Póvoa de Varzim, sua terra natal, ao aludirmos, na «Revista de Guimarães», a essa piedosa homenagem, que muito enobreceu quem tomou a iniciativa da sua realização, lançamos no órgão cultural da Sociedade Martins Sarmiento estas singelas palavras:

«Pareceu-nos interessante e oportuno, ao lermos aquela notícia da consagração a Rocha Peixoto, recordar nas

⁽²⁴⁾ Vários estudiosos eminentes, como Emilio Hübner, Alberto Sampaio, Leite de Vasconcelos e outros tinham já, anteriormente aos fundadores da *Portugália*, insistido com Martins Sarmiento a que escrevesse a monografia da *Citânia de Briteiros*. A morte não lho consentiu. (Vide Mário Cardozo, *Bibliografia Sarmentina*, Guimarães 1927, pp. 12-14; do mesmo autor, *Francisco Martins Sarmiento. Esboço da sua vida e da sua obra científica*, Guimarães 1961, pp. 50-51.

⁽²⁵⁾ *Revista de Guimarães*, Vol. LII cit., pp. 137-138.

⁽²⁶⁾ *Portugália*, Vol. I, 1899-1903, p. 417.

páginas desta Revista o papel primacial que Martins Sarmiento desempenhou nas iniciativas intelectuais daquele grupo de desassombrados moços, do qual o ilustre pòveiro fez parte, empenhados no esplêndido movimento de renovação nacionalista com que revolucionaram, sempre escudados na tradição, o acanhado meio do país, então em manifesta decadência social e mental! Foram demolidores, mas foram também construtivos, e nunca desprezaram o ponderado conselho de quem, como Martins Sarmiento, lho podia dar, pela sua autoridade científica, pela sua vasta cultura e pela sua experiência. Podemos transcrever aqui, com toda a oportunidade, as seguintes linhas que um dos nossos mais gloriosos escritores publicou ha pouco: *Nesse tempo, os novos nas Letras não se envergonhavam ainda dos seus sentimentos de veneração pelos velhos mestres. Por isso aquele grupo de rapazes — mais tarde os Homens da Portugália — concebeu e realizou uma obra que ainda hoje perdura, sempre viçosa e forte, como árvore frondosa e antiga que os temporais não derrubam, nem os estios secam»* (27).

Presentemente, neste ano de 1966 em que a Ex.^{ma} Câmara Municipal da Póvoa de Varzim tomou a patriótica iniciativa de comemorar solenemente a passagem do centenário do nascimento de Rocha Peixoto, e o «Boletim Cultural» de publicar um Número Especial consagrado a tão ilustre cientista, publicação onde me foi dada a honra de inserir esta minha modesta colaboração com que me associo a tão justa homenagem — pareceram-me ainda hoje oportunas aquelas palavras que ha 21 anos escrevi, e com as quais encerro agora o singelo artigo que dedico e consagro à memória do insigne pòveiro.

Guimarães, Fevereiro de 1966.

(27) *Revista de Guimarães*, Vol. LV, p. 17.